

1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

Quando as saias rodam

Abadia Maria Oliveira
Instituto Federal de Goiás
Marta Rosa
Casa do Pano
Eduardo Brito da Cunha
Instituto Federal de Goiás

Resumo

O case trata da ação extensionista teórico-prática desenvolvida por dezoito dias no município de Iaciara Goiás, nas Comunidades Quilombolas de Extrema e Levantado, em janeiro de 2018, como parte do projeto de conclusão de curso da Especialização de Processos e Produtos Criativos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Palavras chave: desenvolvimento sustentável, tradição, criatividade, reaproveitamento de resíduo têxtil, resgate cultural.



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

1 ESCOPO

Ensinar a produzir saias de roda utilizando resíduo têxtil (retalhos) para mulheres de duas comunidades quilombolas na região noroeste do Estado de Goiás, no intuito do resgate das danças e festividades das referidas comunidades.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA (CASO)

Iniciando e o novo

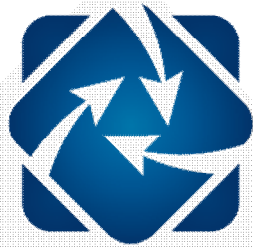
Sair de casa às quatro da manhã, num dia de chuva torrencial, com mais de trezentos quilos de retalhos, rumo ao cotidiano desconhecido de duas comunidades quilombolas, numa região bastante distante no interior de Goiás, quase na divisa com a Bahia. E isto? É tudo o que sua mãe diria: minha filha não faça esse tipo de coisa, porém lá fomos nós, com muitos retalhos e expectativas e, mais outros tantos materiais, nas inúmeras bagagens espalhadas pelo micro ônibus, numa ânsia de recorrer os outros quatro integrantes do grupo, que se encontravam espalhados pelos caminhos a serem percorridos, nos quase setecentos quilômetros que separam a Cidade de Goiás da área rural do município de Iaciara.

Numa trajetória que deveria ser mais ou menos longa, mas não tão longa ao ponto de durar as quinze horas que pegamos de estrada. Seguimos serra adentro, pretendendo realizar a parte prática da Saia de Roda, um projeto de construção de vestimenta com resíduo têxtil (um nome chique se dá aos retalhos) da Pós em Processos e Produtos Criativos, mas que resultou em muitas aventuras com saberes, sabores, crenças e até mesmo alma penada e vaga-lumes luminescendo na parede do quarto na madrugada e, também muita lama nos pés e nos tombos que tomamos, banho de mangueira no quintal, caminhadas descalças, muitas e variadas frutas.

A façanha de encontrar apoio nessas duas comunidades quilombolas, só se tornou possível através das trocentas negociações, feitas com os líderes das duas comunidades para que tivéssemos hospedagem e as primeiras alimentações ao chegarmos, pois já havíamos decidido em grupo que custearíamos as nossas despesas com alimentações durante todo o projeto.

Numa viagem de micro ônibus, cedido por um órgão de governo (SEMIRA), passamos por todas as estações climáticas em um único dia, em um trânsito caótico de uma Goiânia com chuva, recolhemos mais dois passageiros dessa nave aventureira, com muitas e pesadas malas e, depois ainda a família do motorista, uma mulher e dois filhos na saída sul de Goiânia. Para alegrar e divertir o dia, não poderia deixar de ter um almoço na tumultuada Feira da Torre em Brasília, com um monte de gente falando ao mesmo tempo, tentando convencer para que comecem no restaurante que eles trabalham, pareciam abelha arrodando pote de mel, nessa parada recolhemos mais uma integrante do grupo e, outros tantos quilômetros mais, a última pessoa a integrar o grupo. Um sexteto cansado, mas com muita vontade de fazer acontecer e na expectativa do universo que se descortinava à frente.

Chegar na comunidade e perceber os inúmeros pares de olhos curiosos a nos observar é de deleitar a alma de qualquer extensionista, diante do novo, do inesperado, dos tons e cores



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

de peles variadas e, dos sotaques diferentes dos nossos, deliciosos de se ouvir, isto ainda sem levar em consideração os cheiros de flores que se sente nos quintais ao passarem pelas ruas.

Pra saia rodar muito...

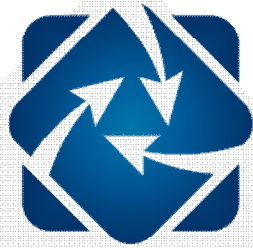
Tudo isto se torna impagável, quando no início da abertura do evento, duas líderes locais sugerem que fosse buscada Dona Catarina (82 anos) a mais idosa daquela comunidade, para que ela presenciasse a explicação do que seria feito no projeto e, pudesse participar da apresentação do grupo musical de Sussa que viria da outra comunidade. Por ter dificuldade de locomoção, era necessário um carro para que ela cruzasse a rua, e pedimos à primeira dama que cedesse o único carro que estava disponível no local, o da prefeitura, para poder busca-la, tendo em vista que ela possui dificuldade de locomoção e a rua não é asfaltada e, havia chovido bastante durante o dia.

Além da dificuldade de locomoção, muitos acreditam que ela esteja cega, mas isto é mais uma lenda urbana entre tantas outras que vivenciamos nos dias que ficamos por lá, na realidade, o que nos deparamos foi com uma mulher vívida, ainda muito resistente e com uma sensibilidade muito a florada, que concordou em ir na abertura sorrindo e, que ao tocar as saias expostas no evento de abertura do projeto, suspira e diz: no tempo que eu dançava Sussa, as minhas saias tinham esse tipo de tecido (chita) e, eram muito rodadas e floridas, eu fazia a saia rodar e rodava muito, e, ainda suspirando e rindo ao mesmo tempo murmurou: e olha que eu dançava Sussa com uma perna só e eu era bem bonita.

O que falar de beleza para uma senhora com mais de oitenta anos que possui os cabelos bem grisalhos arrumados em quadrículos em pequenas pitucas coloridas por toda cabeça e, que ficou vendo em seguida a apresentação sobre o projeto e depois a entrada do grupo de homens tocando tambor, pandeiros, caixa e flauta, apresentando a música de Sussa. Isto sim faz com que qualquer coração se renove e acredite que sonhar e sorrir ainda é possível e que as dificuldades podem ser resolvidas com colaboração, que foi o que fez a gestora do município nos ajudando a busca-la.

Dona Catarina foi levada de volta pra sua casa, que era só cruzar a rua, mas que foi preciso utilizar um carro para leva-la devido à bambeza das pernas que dificulta sua locomoção, mas que torna seu espírito leve e feliz, pois segundo ela, tinha sido uma noite muito e muito feliz por poder ver que as pessoas das duas comunidades estavam juntas e teriam saias novas para poderem voltar a dançar e, que se ela ainda desse conta, também dançaria, mas que se alegrava só de saber que as saias teriam muita, muita roda pra rodopiar na dança do Sussa.

Os homens que tocam Sussa tem todo um ritual, que nós meramente brancos, urbanoides não compreendemos, apenas observamos de longe os ritos que fazem, pois iniciam tocando somente alguns dos instrumentos e aos poucos vão se juntando outros e vão caminhando devagar como se absorvesse cada nota que é exalada dos instrumentos, sorvendo cada gota do que se tocasse, chegando suavemente, aos poucos, perto de onde estão as pessoas e, justo nessa hora a saia rodou dentro das pessoas, que dançavam paradas olhando para as saias, e oferecemos as saias que estavam expostas para que elas vestissem e dançassem.



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

No início pareciam não acreditarem que poderiam vestir aquelas saias rodadas que estavam expostas, mas à medida que a primeira pessoa colocou uma saia no corpo, outras se somaram e vestiram todas as oito saias que estava estendidas para a abertura do evento.

O varal de saias ficou vazio, mas o coração e o pulmão de quem estava tocando e de quem se vestiu e foi dançar, estava muito cheio de sorrisos e rodopios, com ares de felicidade, de novidade, de possibilidade de iniciar algo novo, só deles, para eles, com eles, pois todas as saias construídas seriam das pessoas que as fizessem. Dona Catarina foi embora com o sorriso mais amplo que os braços que nos receberam, enormes e calorosos.

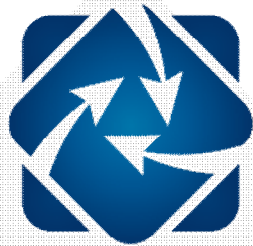
É contagiante o som para se dançar Sussa, uma mistura de sutil que vem da flauta e do triângulo com um forte e potente, que vem das batidas das caixas e do tambor, dá vontade de pegar na barra da saia e sair rodopiando e rodando sem parar, remexendo as bordas das saias, fazendo até mesmo uma guerra de barra de saia com as outras pessoas que também estão dançando. Um fato interessante é que no dia da abertura dois homens da comunidade dos tocadores vestiram as saias e dançaram junto com as mulheres, numa demonstração de unidade e companheirismo, sem preconceitos ou juízos de valores e no dia do encerramento também.

O amanhecer, o lugar, o luar e o céu de estrelas infinitas...

Quantos eram os pios e cantos variados de pássaros que se tornaram os despertadores no início da manhã? E as infindáveis corujas de cores e portes diferentes que se aglomeravam nos pés de mamão a fazerem ruídos todas as noites, por infindáveis momentos, azar de quem quer dormir, elas são notivas e donas da noite. Pássaros? Sabe-se lá quantos, porém eram muitos, muitos mesmos, de cores, tamanhos e formas variadas, desde minúsculos beija-flores com penachos brancos, até enormes tucanos de bicos finos e brancos e outros de bicos enormes e amarelados, com penas escuras e outros com penas multi-coloridas e, pica-paus com pescoços carijós, vermelhos, amarelos, periquitos, mulatas, papagaios, sabiás, cotovias e, até mesmo uma saracura se postava em frente a janela a plenos pulmões para anunciar que o dia havia clareado.

Os pássaros vinham para os pés de manga e ficavam horas na labuta de ruídos e comilanças, disputavam a pancadas de asas as enormes goiabas maduras do quintal onde estávamos, e as do quintal da vizinha que se assomava acima do muro. Um morador assíduo e cotidiano, com várias aparições durante o dia: o calango marrom com verde (que mais parecia um jacaré em miniatura), curioso, ágil e rápido e, que ficava espreitando e procurando os pedaços de frutas que caíam no chão, gerando cenas cinematográficas, entre o parar, observar e correr em qualquer direção olhando para nós, reles humanos, bem menos ágeis que ele.

O gato, arisco, mas que vigiava o que sobrava de comida na pia todo dia à noite e, que aprendeu que deixávamos comida num canto embaixo na pia pra ele, chegava sorrateiro, olhando pros lados, mas com a tranquilidade de que o banquete era só dele e que depois descobrimos que era uma gata e estava prenha. O cachorro preto que sempre vinha acompanhando uma das senhoras que cuidava do quintal. Entrava pela porta da sala, andava a casa toda e depois deitava debaixo da mesa da área, como se fosse um inspetor do lugar, uma figuraça que quando a dona ia embora ele olhava pra nós e como quem dizia, tiau, tô indo,



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

essa era a cena cotidiana dele, se ela fosse la dez vezes, dez vezes ele fazia a mesma coisa. E isto sem contar os inúmeros cachorros soltos nas duas comunidades, que chegamos a contar quinze num fim de tarde, correndo atrás de uns bezerros que pastavam mansamente o capim em frente a casa onde estávamos, as vacas e os bezerros pastoreavam mansamente por todo e qualquer capim alcançável por suas enormes línguas e ficavam ali, espreitando tudo e todos que passavam, com seu jeito manso de ser.

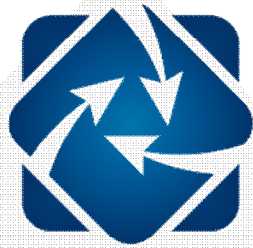
Foi nesse clima de empatia, companheirismo e festa da natureza que o projeto foi explicado, os retalhos foram distribuídos, espalhando os dez sacos pelo chão para que as pessoas escolhessem o que achassem melhor para as suas saias, isto foi igual periquito em lavoura de arroz, so barulheira, farra e festa, pois os retalhos ao serem separados foram colocados em trouxinhas e escreveram os nomes em cada uma delas para não se misturarem. Inúmeras outras trouxinhas foram feitas depois para alcançarem a quantidade necessária para o feitio da saia Era impressionante a ansiedade e a expectativa que se percebia ao começarem a aprender os pontos de costura à mão que possibilitaria unir os retalhos, tendo em vista que os desacertos políticos na localidade acarretaram que não tivéssemos as maquinas de costura que haviam sido prometidas. Olhos ávidos, que se esbugalharam de felicidade quando a primeira saia ficou pronta e, a saia rodando ficou na altura da cintura, com todo o tecido colorido em pedaços, e os sorrisos brotando em que estava vestida e em quem via. Essa cena dos sorrisos e olhos esbugalhados se repetiu em todas as outras quase quarenta saias que foram feitas.

As duas comunidades estão distante seis quilômetros entre si e mais seis ate a sede do município, os deslocamentos são feitos em motos, à pé, em mulas ou cavalos. As estradas são de terra, com muitas nascentes d'água nas laterais se entrecruzando pelo meio, formando alguns pequenos represamentos. Nos fundos das duas comunidades existe um espaço que é de produção coletiva de lavoura e de criação de gado das pessoas da comunidade. Pelo caminho entre elas, observam-se lavouras em pequenas proporções, vários animais domésticos, inclusive ovelhas lanadas, cabras, bodes, galinhas, patos, gansos, mulas, cavalos e criação de gado pra corte.

Nos pastos as paineiras (barrigudas) são notadas à distancia, pois são muito altas e em grandes quantidades, o seu formato lembra o ôbaobá africano, pois possui um tronco grosso, abalado, como se fosse uma barriga e seus galhos e folhas estão muito longe da raiz, numas copas altas, bem mais perto do céu e, se destacam das demais arvores.

Ao longe se observa uma serra bastante elevada, que separam alguns municípios com a divisa com a Bahia, no meio da qual vivem outras comunidades, quilombolas e kalungas, chegando muitas vezes a serem parentes entre si.

O céu bem límpido, tanto durante o dia quanto à noite é observável a qualquer distancia, e a noite as estrelas tem um brilho intenso, devido a pouca quantidade de lâmpadas nos postes das ruas das duas comunidades, e se tornavam cintilante com tantas estrelas no céu, neste contexto os grilos fazem festas contínuas, como orquestras invasivas e prolongadas ate a madrugada. Ruído? Nenhum de nada, mais parecido ao que se descreve em livros como sendo o paraíso. Nem tudo são flores e belezas, porém não é intenção desse artigo falar das mazelas e desacertos e, sim enumerar o quão prazeroso é desenvolver um projeto na prática, onde



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

viabiliza que as pessoas tenham interação entre elas e que se ajudem, numa cooperação limpa, direta, tranquila, num sentimento de crescimento e aprendizado mutuo.

Saia da roda, coisas que rodopiam os olhos...

Uma cena pitoresca: todos os dias no fim da tarde, dois homens a cavalo, sempre com chapéus alinhados e, com os petrechos de lida de campo, com três cachorros grandes acompanhando, passavam, com seus cavalos enormes, muito bem paramentados, a passo de trote lento, cruzando pela rua principal da comunidade, uma cena não para ser fotografada, mas guardada na alma como uma imagem que remonta aos tempos dos tropeiros e das boiadas.

Uma cadela pequena, pertencente a um vereador que mora na comunidade, uma mistura de tiuaua com qualquer outra coisa pequena, seguia ele para todos os lados, e rosnava pra qualquer pessoa que se aproximasse, como se fosse da liga da justiça e, ficava deitada o tempo todo debaixo da cadeira dele, mas se ele se levantasse, ela já estava à postos, pulando e rodopiando ao redor dele numa demonstração de afeto e cuidado.

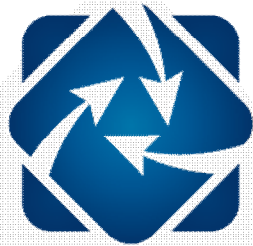
A família de sapos, dois enormes e três em tamanhos diferentes, com olhos bem astutos e curiosos, que ficam comendo os insetos que caem das lâmpadas dos postes e, que moram no pé de um dos postes de luz, esses fazem parte do imaginário coletivo, dos bichos com os quais não se pode mexer senão eles vão dormir na cama com quem mexeu com eles.

Os jovens e algumas crianças tem presença garantida no cotidiano das duas comunidades, em uma delas, se reúnem no fim do dia e no início da noite, na quadra de esporte, à céu aberto no meio da comunidade, com pequenos aparelhos de som ligados, muita algazarra e os masculinos jogando e as femininas torcendo e fazendo zuada, como se isto fosse o compromisso diário e pontual, onde o futebol é a diversão da vez, outras vezes, apenas se juntam e ficam ali, amontoados conversando sentados em cima do muro da quadra, ao burburinho de quem está e de quem passa. Na outra comunidade a casa do líder de maior idade é o ponto de encontro, sentados debaixo das arvores ou então no campo de futebol de chão batido, no qual jogam bola diversos garotos, tendo a torcida sempre presente e fazendo alvoroço a cada movimento ou gol que fazem, pilheram entre si pelas perdas e trapalhadas que fazem e, tem também a roda de capoeira, onde há uma grande quantidade de mulheres que variam desde criança até a adolescência fazendo piruetas e rodopiando ao som do berimbau e das musicas de capoeira.

O sabor que roda ao redor do nariz...

Foi feita uma negociação na comunidade para que algumas mulheres se revezassem para fazer a comida para o grupo do projeto, tendo em vista que o tempo seria escasso para os do grupo cuidarem desses afazeres.

E eis que o cheiro da costelinha de porco, frita, bem rosada, cortada em pequenos pedaços, com muita cebola e coentro, junto com um arroz branco feito à base de alho e, um feijão verde colhido no quintal, cozido no fogão à lenha em um caldeirão de ferro aflorou no meio da manhã assanhando as lombrigas, cutucando a alma do vivente e lembrando que nem



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

só de aprendizado vive o homem. Simbora comer por que ninguém é de ferro. E o sabor das comidas delas cada dia diferente, era inigualável e sempre com alguma novidade, no tempero ou na forma de fazer. Prazeres que agradam a alma, e rodopiam os olhos só de lembrar do gosto.

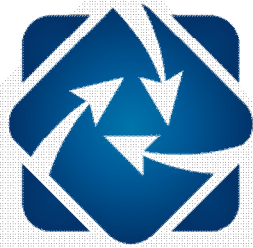
O refogado de marimba (abobora d'água) que era algo sublime, maravilhoso, colhida numa moita no meio das ruas da comunidade, ou nos arames que separam os quintais na outra comunidade. O picadinho de fruta-pão com cheiro verde, os quiabos com frango de molho, o repolho fatiado bem fino e refogado com óleo, sal e pimenta do reino é um típico manjar dos deuses no meio do sertão. Os inúmeros bolinhos de chuva feitos por nós e por outros da comunidade, com e sem açúcar e canela, levados para os lanches coletivos. Os sucos de frutas frescas dos quintais, de inúmeros sabores, o suco de coco cremoso, que derretia na boca, o cuscuz com leite e com pedaços de coco, o doce de leite cremoso em pedaços com castanha de coco ainda mole, as enormes e doces pinhas apanhadas maduras, direto nos pés nos quintais, a compota de goiaba feita com esmero para que a calda não ficasse pegando nos dedos e que poderia ser comido de parte em parte da goiaba, as seriguelas enormes e caldalosas, bem doces e sem bichinhos mexendo na língua. Os galhos que quebraram dos pés com muito mamão, viraram compotas de mamão em pedaços, fazendo o deleite dos glutões dentro do projeto.

Os quintais em geral são grandes, uma mistura de tentação e pecado em um só lugar, pois em cada um deles parece mais uma mata de sabores e cores e cheiros, onde se pode encontrar desde plantas medicinais comuns até as mais excêntricas (soninho, ou dorme-dorme), pequenas e delicadas frutas como amoras, figos e acerolas e, enormes cocos, mangas, jacas, graviolas e mamões e, exóticas (laranja grande ou toranja e groselhas da Bahia). Num exercício para o lanche coletivo foram enumeradas cinquenta e quatro espécies de frutas e, se somadas às variedades de cada uma, são mais de cem juntando nos quintais das duas comunidades (ex: seis variedades de limão, oito variedades de manga, etc). Alguns quintais possuem pequenos animais como galinhas, patos e porcos e, outros tem pastos bem perto de suas casas e encontramos pequenos viveiros encravados nas paredes das casas com muitas orquídeas de tipos de flores e modelos exóticos.

E, nós os abençoados por Deus, recebendo algumas vezes um lanche no meio da tarde, com bolo de cenoura com cobertura de chocolate, uma torta de frango que só de lembrar dá água na boca, as roscas de nata com cobertura de leite condensado e coco ralado e frutas, inúmeras, variadas, doces e saborosas, enormes e vermelhas seriguelas e acerolas, que mais pareciam um ovo de tão grande e suculentas que eram, os figos, maduros e verdes, que depois viraram compotas, feitas por nós, um prazer de gula, comendo queijos e requeijões baianos, de textura leve, mas de sabor encorpado, que se come com rapadura, frescos, tenros e saborosos, esses quitutes estiveram adoçando a conturbada vida de entrelaços políticos que foram percebidos no cotidiano.

A roda girou e os saberes se misturaram

A escola de uma das comunidades foi cedida para a realização das oficinas e também para a abertura do projeto, porém por ser fim de janeiro, as aulas recomençariam e, teria que ser encontrado outro lugar ou então realizar todas as oficinas na outra comunidade. A casa



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

onde ficamos hospedados era bem no meio da comunidade e, tínhamos o hábito de colocar um enorme banco de madeira, na lateral do muro da casa no fim da tarde pra podermos trocar conversas com as pessoas que circulavam por ali.

Numa noite, sentados nesse banco conversando, surgiu a ideia de serem as aulas num quintal de alguma casa, cruzamos a rua e chamamos pela dona da casa, que era assídua frequentadora das oficinas e, perguntamos se ela e o marido se importariam em ceder o espaço de quintal para que as oficinas ocorressem ali, debaixo das árvores, pois teríamos que mudar de lugar, a resposta que tivemos foi: para nós é um prazer que alguém venha ensinar algo para nossas comunidades, principalmente para as mulheres, nossa casa e nosso quintal se sentem felizes por vocês nos escolherem e, as pessoas são muito bem vindas à nossa casa.

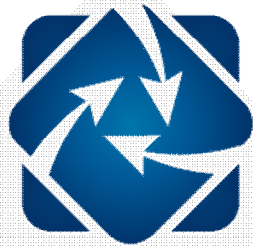
E assim as oficinas começaram a acontecer debaixo de enormes pés de mangas, com direito a maracanãs (maritacas) jogando restos de mangas em todos que estavam por lá. As mesas e bancos foram levados para o quintal e tudo transcorreu como numa grande família: se ajudavam, ensinavam uma às outras os pontos de costura ou a forma mais prática de unir os retalhos, ajudavam a escolher a cor que mais se acertava com o resultado que elas esperavam, riam, criticavam, cuidavam dos filhos uns dos outros, amamentavam bebês e, tinham crianças correndo para todos os lados e comendo as frutas maduras dos quintais.

Na outra comunidade as oficinas começaram dentro do prédio da igreja da comunidade, mas por ser escura, com pouca ventilação foi decidido que as oficinas aconteceriam ao ar livre, e bancos foram colocados debaixo de uma árvore, em frente à igreja e utilizamos a parede da igreja como suporte para as apresentações. Após constatarmos que havia uma grande quantidade de idosas que não estavam frequentando as oficinas por questão de acessibilidade (o degrau do ônibus era muito alto para elas subirem).

Foi decidido que parte das oficinas dessa segunda semana seria dividida entre as duas localidades das comunidades, possibilitando que elas presenciassem as oficinas. Foi realizada a abertura e a limpeza de maneira coletiva na escola que está desativada há anos, para que as oficinas fossem realizadas dentro dela, e aconteceram muitas atividades com a presença de diversas mulheres de idade avançada junto do grupo de pessoas do projeto.

Nestas localidades (quintal e escola) aconteciam os lanches coletivos, feitos e compartilhados por diversas pessoas das comunidades, em todos os lanches havia sucos frescos, feitos das frutas dos quintais e, ou leite que alguém da comunidade doava (o leite com açúcar queimado e canela era o mais disputado por todos).

Essa interação num ambiente familiar, entre as pessoas das duas comunidades rendeu bons frutos: as mulheres ficaram mais livres, menos reservadas, contavam piadas, pilheravam as dietas umas das outras, trocavam receitas e conselhos e, azucrinavam os maridos que por lá apareciam, alguns adolescentes se aventuraram a manusear a máquina de costura e a aprender a fazer pontos de bordado e de crochê de maneira tranquila, leve com muita curiosidade e respeito pelos aprendizados que estavam sendo compartilhados. Em todas as oficinas, sempre havia a presença de meninos, manuseando, perguntando, participando, costurando, ajudando, ensinando em harmonia com as meninas e mulheres, e isto era incentivado pelas mães, tias e



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

avós. As crianças continuamente manuseavam os retalhos, mesmo sem conseguirem produzir peças grandes.

Algumas pessoas desistiram de produzir as saias, por não se acreditarem capazes de construir o objeto, com suas próprias mãos com os novos conhecimentos e, outras mesmo participando continuamente foram se distanciando, se isolaram, tiveram atitudes individuais, ficando alheias e à margem de todo o processo de cooperação e socialização de crescimento coletivo e criativo que estava sendo fomentado dentro do grupo de mulheres, que entre elas, compartilhavam as costuras e se aglomeravam umas nas casas das outras ou na casa do projeto, mesmo tarde da noite para se ajudarem, opinarem, discutirem e entenderem o processo de criação e estruturação das saias e construírem juntas as saias com os retalhos. Esse sentimento de cooperação, interação, harmonia e respeito pelo outro contribuiu muito para que elas se ajudassem e conseguissem fazer suas saias até o dia do encerramento do projeto.

Rodamoinho, roda girando...

No início da segunda semana de oficinas, apareceu a primeira máquina doméstica de costura, era herança de família, guardada com muito zelo e cuidado, mas sem saber como manusear. A cena dessa pessoa sentada por primeira vez, movendo a máquina elétrica tirou enormes sorrisos e algumas lágrimas de contentamento, de quem aprendeu, de quem ensinou e dos que estavam presentes na hora do acontecido. Essa foi inclusive a primeira saia a ficar pronta dois dias depois, toda costurada a máquina, com ideia de colocar renda na barra, isto impulsionou outras mulheres a se juntarem para fazerem as delas.

As máquinas domésticas de costura foram aparecendo aos poucos, muito tímidas, em geral eram herança de família, ou emprestadas por algum parente, algumas com gabinete, muito bem conservadas e em funcionamento, e houve duas senhoras da comunidade que iam à casa do grupo do projeto e perguntavam: já terminei as tarefas, querem que ajudem em algo, e levavam para suas casas os trabalhos para serem feitos, outras só apareceram e sumiram de novo.

Uma mulher da comunidade emprestou uma destas preciosidades com gabinete para o grupo do projeto, que foi utilizada na casa onde estávamos até o último momento do projeto. Isto alavancou o processo de costura das comunidades e auxiliou muito na conclusão de todas as saias. Apareceram inclusive duas máquinas industriais em uma família na área rural, que também foi bastante utilizada para a construção das saias. No último dia haviam brotado cinco máquinas sendo utilizadas na casa do projeto e mais as outras duas com gabinete nas casas e as duas da área rural.

As máquinas domésticas, portáteis começaram a fazer parte do kit de primeiros socorros de todas as oficinas, pois eram transportadas de um lado para outro e isto despertou o interesse de crianças e adolescentes em saber como isto funcionava e o resultado que era obtido.

A saia, a roda, a engrenagem que roda...



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

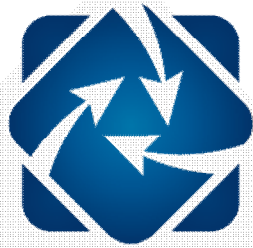
Para as oficinas teóricas e práticas a metodologia escolhida pelo grupo foi a participativa, onde tudo é votado, e decidido por todos, as falhas são analisadas a cada fim do trabalho e estratégias são pensadas para resolverem os problemas e situações adversas que ocorrerem no desenrolar das oficinas independentemente de serem assuntos internos ou externos, desde que afetem diretamente o bom desenrolar e o andamento do trabalho, deve ser discutido e votado entre todos os integrantes. Tudo era avaliado e votado no final do dia de oficina, primeiro entre todos e depois somente o grupo do projeto, para poderem resolver os problemas que foram percebidos, os avisos eram dados antes do lanche, pois depois da comida vem a preguiça de pensar: barriga cheia, pé na areia, não ficava ninguém após o lanche.

Essa metodologia favoreceu para compreender inúmeras situações, a primeira delas é que havia dificuldade da comunidade em entender a proporção do corpo humano para a construção das saias, e após percebermos isto, fizemos a oficina de criação do protótipo para que eles construíssem o boneco articulado em eva, como se fosse um manequim com as devidas proporções do corpo humano. A construção do protótipo foi possível graças a doação do material pelo poder público local. Esse boneco virou uma festa, com risos, interjeições sobre tamanho, cor, textura, volume, facilitando para que as pessoas compreendessem suas proporções corporais. Cada pessoa copiava do modelo e desenhava no eva pra poder fazer a colagem dos barbantes para ser articulado, depois de pronto, se tornou um referencial de pertencimento (é meu, eu quem fiz, é pro meu pai, é da minha irmã...), pois as pessoas se identificavam com o que faziam e colocavam traços diferenciados nele: cabelo, turbante, boné, cabelo de tiras de eva, outros fizeram os bonecos para presentear pessoas da família que não estavam fazendo as oficinas. Eles fizeram mais de cem protótipos e, levaram para suas casas, alguns colocaram até mesmo como penduricalho de mochila.

Após a construção do protótipo, a tarefa para casa foi desenhar as saias, de acordo com o que cada um imaginasse que ficasse após estar pronta, lembrando que era uma saia de retalhos coloridos e que deveria ser confeccionada por eles. Algumas mulheres com o desenrolar do projeto, mesmo vendo as dificuldades ao costurarem os retalhos, decidiram fazer na prática o desenho que haviam feito, obtendo bons resultados.

Outra situação resolvida com essa metodologia foi a questão da alimentação durante as oficinas, alguns fatos foram observados e conversado e decidido com as lideranças locais que a partir daquele dia, nas oficinas haveria lanches e que eles seriam colaborativos, cada um fazia alguma coisa e levava para compartilhar com o grupo e, que os sucos seriam feitos das frutas dos quintais, utilizando o açúcar doado pela gestão pública local.

Essa ação gerou outra atividade, que foi o desenho dos quintais, pois foi percebido que as pessoas não tinham conhecimento do que e de quanto de plantas frutíferas e medicinais havia em seus quintais. Foi explicado como poderia ser feito o mapeamento do quintal, ficando como tarefa para casa. A surpresa dessa atividade ficou por conta de um grupo de adolescentes que utilizaram oito folhas de papel A4 emendas como um quadro e, perceberam que havia mais de quinze espécies de frutas em seu quintal, sendo que algumas tinham até cinco variedades de cada espécie. Cada família que fez a atividade apresentou de forma coletiva, mostrando para todos o desenho de suas casas com plantas e estruturas. No total foram identificadas mais de cinquenta e quatro espécies de frutíferas, sendo que com a



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

variedade de cada uma supera a quantidade de cem frutas diferentes. Ex: limão cinco variedades, manga seis variedades. Nesse exercício apareceram os orquídeários, com muitas espécies diferentes de orquídeas.

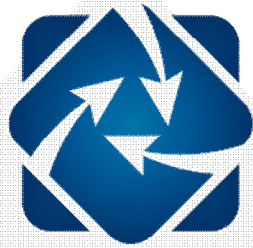
Nesta mesma linha de percepção foi feita uma conversa sobre o belo e a estética, sobre as diversas nuances de cor da pele negra, o respeito ao biotipo de cada ser, a importância de se valorizar o que se tem físico e emocional, não levando em consideração as observações fóbicas que são enfrentadas cotidianamente, que os valores estéticos mudam de tempos em tempos de acordo com a moda do momento e das condições ambientais que os circundam. O resultado disto foram atitudes de valorização e de aceitação de si e do outro, gerando até mesmo galhofas sobre isto ou aquilo que antes era considerado um defeito e que a partir daquele momento era visto como qualidade e motivo de diferenciação e empoderamento.

Os moldes e medidas foram tomadas de maneira bem práticas, para que as pessoas pudessem compreender: as medidas de altura do corpo e largura do quadril e da cintura, para isto foi utilizado pedaços de barbantes, onde estas medidas eram cortadas em separado para cada uma das pessoas, para a posterior construção do molde, que devido à falta de material foi feito somente um quarto do molde total, para cada uma das mais de sessenta pessoas que participaram das oficinas. Após essas medidas serem tiradas, esses barbantes eram estendidos em cima de papel kraft e delimitado o tamanho do molde de cada uma das pessoas, no qual ficava escrito o nome para não se misturarem entre si. Essa metodologia facilitou na hora de unir as partes que foram construídas em separado com retalhos, pois eram colocados os moldes em cima do tecido já costurado e recortava quatro partes iguais para a formação da saia em godê duplo ou saia guarda chuva.

Muitas mulheres compareciam às oficinas com tecidos na cabeça, e num fim de oficina, o grupo do projeto avaliou se haviam tecidos de textura, tamanhos e quantidades suficientes para serem usados pelas pessoas, que já tinha o hábito de tecidos na cabeça. Foram separados oitenta e cinco panos de diversos tamanhos e texturas, entregues às pessoas da comunidade que mais usavam tecidos na cabeça. Inclusive usados por homens adultos e jovens. Não houve a intenção antropológica de discutir se era turbante ou lenço, apenas a doação de tecidos que pudessem adornar e tornar mais coloridos os hábitos que eles já tinham.

Dentre os inúmeros itens levados nas bagagens do grupo do projeto havia uma grande quantidade de aviamento, que no último dia foi decidido que seria doado para a família que possuía as máquinas industriais, pois para elas seria mais útil do que para quem estava costurando a mão, tendo sido entregue a elas em forma de agradecimento pelo uso contínuo das máquinas para concluirmos as saias.

Uma atitude de identidade e cooperação coletiva foi quando no último dia, ao levarem os panos emendados para serem recortados nos moldes, muitas mulheres quando acertaram as partes costuradas no molde, doaram as partes restantes para que outras mulheres pudessem concluir suas saias, e em sua grande maioria eram retalhos emendados à mão. Outras que já haviam terminado suas saias desde a metade da semana continuaram indo para as oficinas, emendando retalhos à mão para concluir as saias das demais do grupo.



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

Um fato interessante ocorrido nesta etapa foi a troca de pessoa para o corte os panos nos moldes, um homem de uma das comunidades, após fazer a lida do campo foi para a oficina e auxiliado por uma integrante do projeto aprendeu a cortar os tecidos de acordo com o molde, agilizando o trabalho que estava sendo feito, pela força das mãos e pela docilidade com que se empenhou em fazer. Tendo em vista que na metade do dia é que as mulheres resolveram doar as partes de seus panos emendados para que todas tivessem suas saias.

A saia, o que sai da roda

Desde o início do projeto as mãos sempre foram unidas em torno da oração, feitas no início das oficinas e na hora do lanche, onde a mão esquerda do lado do coração, postada para cima, recebe e a direita virada para baixo, dá, em orações em conjunto com todos os presentes. As pessoas mais jovens pedem bênção aos mais idosos, inclusive alguns fazem o beija-mão, com um leve inclinar do corpo para baixo. Nas filas as crianças vão se achegando por ordem de tamanho, do menor pro maior, e das mulheres mais novas para as mais idosas, sendo que o homem mais idoso da comunidade é o último a se servir. Se entre os presentes está algum líder de maior idade é ele quem começa as orações e agradecimentos. É interessante observar que muitas crianças e adolescentes sabem a oração do Espírito Santo toda e a repetem em tom uníssono, inclusive com o trecho que somente alguns adultos sabem repetir. (colocar a oração toda aqui)

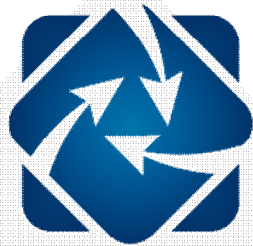
No início das oficinas, uma senhora recolheu uns ramos verdes e se afastou do grupo para debaixo de uma árvore, e fez benzeções em um bebê que estava no colo da mãe, em seguida formou uma fila de outras crianças que queriam ser benzidas também, ela atendeu alguns que se dispersaram depois. Escutamos várias pessoas dizendo que nas duas comunidades existem outras pessoas que são benzedores e que atendem as necessidades de oração de quem precisa.

Roda a saia que a saia sai

As comunidades ganharam doze metros de chita para fazerem algo das saias, mas como a proposta do projeto era retalho, ainda não sabíamos o que fazer desse tecido. Na festa de São Sebastião realizada numa das comunidades uma pessoa sugeriu que uma camisa para o líder mais idoso ficaria bom e que ele usaria, perguntamos a ele, que concordou prontamente e disse que ficaria muito feliz em estar enfeitado para o dia da finalização do projeto.

Na semana seguinte, na quarta feira uma criança bem pequena, chega perto do grupo do projeto e diz: ãTia, você faz uma sussa preu dançar de saia?? Ô quero uma sussa preu dançã de saiaõ, com a ideia do repasse cultural feito através da repetição das crenças e traços culturais e da oralidade, decidimos que as chitas que haviam sido dadas como presente para uma integrante do grupo do projeto, poderiam ser utilizadas para fazer saias para as crianças, tendo em vista que as adultas estavam construindo suas próprias saias e as crianças pequenas não. Contando com a ajuda de uma adolescente da comunidade foram tomadas as medidas de todas as crianças, em seguida começamos a construção das saias de todas elas.

Nesta proposta do repasse cultural, resolvemos oferecer ao poder publico a construção das saias de quem esteve na abertura, desde que doassem algum tecido extra, para que nos



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

ajudassem a completar as saias que faltavam. Os tecidos chegaram em quantidade suficiente pra fazer algumas saias pras crianças, possibilitando a confecção da camisa do líder local e mais duas saias de chita para senhoras idosas da comunidade.

Uma delas com dificuldade de locomoção e não tinha bengala, mas que conseguiu se equilibrar muito rápido em uma bengala da integrante do grupo, que terminou doando a bengala de presente. A cena mais comovente do encerramento foi essa senhora dançando sussa, com sua saia de chita, colorida, bem rodada e firmando seus passos na bengala. Tem coisas que não tem preço.

3 POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Qualificação e orientação sobre identidade local, cultura, extensão, valorização cultural, moda proporção, volumetria, produção artesanal e identitária;

Aumento da mão de obra ocupada e com qualificação na comunidade;

Melhoria do nível de informação para as pessoas das comunidades para que não se permitam serem exploradas e ou oportunizadas por interesses pessoais ou políticos partidários e que possam ter acesso livre a editais direcionados às comunidades tradicionais;

Aumento da quantidade de pessoas das comunidades que saem para se qualificar academicamente e, que voltam para suas localidades, trazendo valores agregados para seus parentes, melhorando a qualidade de vida nas comunidades.

Necessidade de projetos de extensão nas áreas contábil, jurídica e de gestão do terceiro setor para qualificar pessoas para entenderem de terceiro setor, legislação sobre direitos e deveres de comunidades quilombolas.

4 RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Continuidade da produção de saias pelas mulheres das comunidades para comercialização (visão de mercado, preço, valor agregado em produto identitário);

Melhoria do conhecimento das pessoas sobre seus direitos e deveres enquanto integrantes dos quilombos.

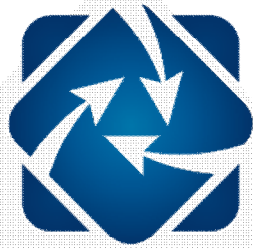
Retomada das danças de roda como parte de suas festividades.

Construção de um banner interativo, sensorial, cognitivo com fotos bordadas à máquina livre e aquareladas das situações que melhor representaram as ações de extensão nas comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saia rodou, o sorriso brotou e o projeto findou.

Na última semana as oficinas funcionaram na segunda e terça em uma comunidade e na quarta e quinta em outra e sexta e sábado noutra para possibilitar o acesso às idosas para presenciarem as oficinas e facilitar o uso das máquinas nos dois últimos dias,



1st International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

numa perspectiva de concluir a saia de todas as que começaram. Na quinta feira seria decidido onde seria realizado o encerramento. Após a oficina, antes do lanche, abrimos a pergunta: iniciamos o projeto dia doze numa comunidade e o encerramento esta previsto para o dia vinte e sete, e onde será? Houve um enorme silencio. Então o líder da comunidade disse: se eu abri lá com meu povo, cantando e dançando sussa e ninguém tinha saia pra dançar, eu encerro aqui com as saias todas rodando e, encerrou o assunto com oração do espirito santo, completa e acompanhada por todos.

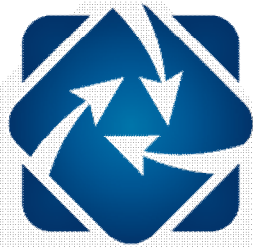
No sábado o trabalho coletivo foi uma estratégia de guerra com duas frentes de batalhas, montadas em lugares diferentes: no quintal havia gente costurando e cortando os panos já emendados e na casa do projeto as maquinas que brotaram do nada necessitavam de pessoas para o trabalho.

Foi um dia intenso, alvoroçado, amontoado de atividades, num processo tão acirrado que algumas mulheres das duas comunidades que nunca haviam costurado, foram ensinadas no manuseio e passaram o dia todo auxiliando a concluir as emendas dos panos que chegavam cortados da casa do outro lado da rua. Era uma festa de cores, sons, sorrisos e galhofadas por tentarem ajudar-se entre elas para lograrem que todas tivessem suas saias.

E, assim foi cumprido, no sábado a ultima saia foi terminada era mais de oito da noite, colocadas todas em uma enorme bacia, para serem entregues a cada uma no encerramento. A localidade estava toda iluminada, com cadeiras dispostas em circulo, e muita gente feliz, sorridente, alegre na expectativa de todas terem conseguido concretizar as saias para dançarem como uma família unida, do mesmo jeito que havia sido feita a construção.

A camisa do líder local e das senhoras da comunidade haviam sido entregues mais cedo, pois uma das saias era para a líder mais idosa da outra comunidade que havia ido à casa do projeto para ver de perto todas as saias prontas. Ficou encantada com o que viu e fez a oração do divino espirito santo dentro da casa do projeto, já com sua saia no corpo. Todas as saias foram entregues de uma a uma, numa euforia coletiva, de sorrisos, pequenos gritos e louvação a quem havia concluído a saia, começando pelas crianças, e terminando pela mulher mais idosa. Em seguida o líder local veio caminhando desde a casa dele com o grupo com os instrumentos tocando sussa, e do nada brotaram os tecidos para os enfeites das cabeças e as mulheres receberam e já vestiram suas saias, começaram a rodopiar e dar voltas na sussa, gerando um enorme círculo ao redor do grupo que tocava. Foram instantes mágicos, onde a alegria a bela e a capacidade de realização estavam expostos, mostrando que a cooperação, a harmonia e o companheirismo são capazes de fomentar grandes acontecimentos e, que a extensão universitária pode gerar grandes mudanças nas localidades onde atuarem.

Esse texto foi feito em forma lúdica e quase poética para que compreendam que a extensão é o povo, com seus ritos, saberes, sabores e afetividade, muita afetividade, pois na extensão é que o conhecimento adquirido poderá ser utilizado na prática e dessa prática é que advém novas formas de atuação.



**1st International
Conference of
the Third Sector**
Management and Accounting Issues

June, 26th and 27th, 2019



UnB

Faculdade de Economia, Administração,
Contabilidade e Gestão Pública